



## Saracura Vive: Diálogos entre memórias negras e paisagem urbana no Bixiga

### Saracura Lives: Dialogues between black memory and the urban landscape in Bixiga

**Beatriz Silva Santana**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo

Instituto Federal São Paulo

<https://orcid.org/0009-0005-1367-7787>

siiltriz@gmail.com

**Giselly Barros Rodrigues**

Doutora em Arquitetura e Urbanismo

Instituto Federal São Paulo

<https://orcid.org/0009-0008-6263-1648>

giselly.barros@ifsp.edu.br

#### Nota editorial:

Este artigo é uma versão revisada de trabalho selecionado no *fast-track* do III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade para publicação na Revista REGRASP.

#### Histórico do artigo

**Recebido: 29 mar. 2026**

**Aprovado: 02 abr. 2026**

**Publicado: 02 abr. 2026**

#### RESUMO

A presente pesquisa investigou o histórico do Quilombo Saracura, localizado no bairro do Bixiga, a partir de suas contribuições para o desenvolvimento do espaço urbano. O estudo evidencia as memórias e a ancestralidade dos valores da cultura africana e afro-brasileira, destacando a redescoberta do quilombo e do material arqueológico durante as obras da futura estação da Linha 6-Laranja do metrô. Metodologicamente, a pesquisa estruturou-se em revisões bibliográficas, análises documentais e em uma visita de campo. Analisou-se a participação negra na formação do Bixiga em articulação com as dinâmicas socioculturais contemporâneas, enfatizando a presença ativa de mobilizações focadas na proteção e na valorização das memórias afrorreferenciadas. Por meio de uma narrativa contracolonial, o trabalho buscou contribuir com o ensino das relações étnico-raciais nas áreas de arquitetura, urbanismo e correlatas. O objetivo central consistiu em posicionar o corpo negro como protagonista e narrador de suas próprias trajetórias, intrinsecamente conectadas à história do bairro. As reflexões demonstram que a salvaguarda do Sítio Arqueológico Saracura/Vai-Vai transcende a proteção de estruturas físicas, configurando-se como uma disputa fundamental por narrativas na paisagem urbana contemporânea. O artigo ressalta, assim, a urgência de incorporar epistemologias ancestrais na leitura do patrimônio arquitetônico e cultural.

**Palavras-chave:** Bixiga; memória negra; quilombo Saracura; territórios negros; paisagem urbana.

#### ABSTRACT

This research investigated the history of the Quilombo Saracura, located in the Bixiga neighborhood, based on its contributions to the development of the urban space. The study highlights the memories and ancestry of African and Afro-Brazilian cultural values, emphasizing the rediscovery of the quilombo and archaeological material during the construction works of the future Line 6-Orange subway station. Methodologically, the research was structured through bibliographic reviews, documentary analyses, and a field visit. Black participation in the formation of Bixiga was analyzed in articulation with contemporary sociocultural dynamics, emphasizing the active presence of mobilizations focused on the protection and valorization of Afro-referenced memories. Through a counter-colonial narrative, the work sought to contribute to the teaching of ethnic-racial relations in the fields of architecture, urban planning, and related areas. The central objective consisted of

positioning the Black body as the protagonist and narrator of its own trajectories, intrinsically connected to the neighborhood's history. The reflections demonstrate that the safeguarding of the Saracura/Vai-Vai Archaeological Site transcends the protection of physical structures, configuring itself as a fundamental dispute over narratives in the contemporary urban landscape. Thus, the article emphasizes the urgency of incorporating ancestral epistemologies in the reading of architectural and cultural heritage.

**Keywords:** Bixiga; black memory; quilombo Saracura; black territories; urban landscape.

## Introdução

A história de resistência do bairro do Bixiga, localizado na cidade de São Paulo, onde se formou o quilombo urbano Saracura na área de várzea do rio de mesmo nome, passa atualmente por um processo de reconhecimento decorrente dos achados arqueológicos na futura estação da Linha Laranja do metrô. Existem inúmeras discussões e críticas sobre a retirada da escola de samba Vai-Vai e mudança de endereço e as escavações no local, cujas obras evidenciam o risco de apagamento da memória e vestígios do Quilombo Saracura.

Para compreender a participação da população negra na formação do Bixiga, a pesquisa estruturou-se metodologicamente em levantamentos bibliográficos, documentais e de campo. Nesse processo, buscou-se explorar as memórias e identidades presentes no bairro em articulação com as dinâmicas socioculturais contemporâneas. Além disso, realizou-se uma visita de campo ao Sítio Arqueológico Saracura/Vai-Vai, etapa que contribuiu fundamentalmente para a aproximação direta com o objeto de pesquisa.

Nesse contexto, o movimento negro e os coletivos locais desempenham um papel crucial. Desde as lutas por reconhecimento cultural do sítio arqueológico até os esforços acadêmicos para registrar e preservar a história afro-brasileira, os ativistas batalham pelo direito à memória e à representação justa na paisagem urbana. A comunidade negra reivindica a preservação desse legado na região e, por essa razão, as discussões atuais e as perspectivas históricas fundamentadas em narrativas contra-hegemônicas constituem os pilares desta pesquisa.

Ao tratar das comunidades que dão voz à população negra, entende-se que todo território afrorreferenciado de organização social inspira estratégias e articulações contra-hegemônicas. O território deve ser entendido como o espaço onde a vida acontece e onde se estabelecem as trocas materiais e espirituais responsáveis por dar sentido à existência, configurando-se como o chão articulado à identidade (Santos e Becker, 2006). Sob essa ótica, os territórios negros, segundo Nascimento (2002), manifestam-se em associações, irmandades, terreiros e escolas de samba, entre outros locais produtores de sociabilidades que ocupam a paisagem urbana. Consequentemente, estudá-los significa valorizar as identidades afro-brasileiras e afrodescendentes.

A partir do exposto, é possível afirmar que, em uma sociedade fortemente marcada pelo racismo e pelo apagamento do papel crucial do povo negro, o Brasil apresenta visivelmente em seu território diversas marcas históricas. Compreende-se, assim, como a população negra construiu os espaços urbanos e formou os territórios negros. Esses espaços-territórios, segundo Sommer (2005), possuem simbologia capaz de representar a memória coletiva, e o estudo sobre eles evidencia um segmento fundamental da identidade negra.

## Histórico do bairro do Bixiga

O bairro do Bixiga, situado na região central de São Paulo entre os distritos da Bela Vista e da República, é reconhecido por sua rica herança cultural e diversidade social. Embora amplamente associado à presença italiana estabelecida no final do século XIX, suas origens mostram-se anteriores e mais complexas, envolvendo ocupações de escravizados africanos nas áreas de várzea do rio Saracura. Ao longo das décadas, o bairro sofreu marcantes transformações ligadas ao apagamento cultural negro, além de enfrentar desafios urbanos, sociais e econômicos que moldaram sua identidade atual. Nesse contexto, torna-se fundamental revisitar e valorizar as camadas invisibilizadas durante sua história, reconhecendo a importância da presença negra na construção desse território.

Antes de abordar o Quilombo Saracura, convém compreender brevemente a origem do Bixiga. Sobre a nomenclatura do bairro adotada nesta pesquisa, existem múltiplas hipóteses, e para explorá-las, retoma-se as versões documentadas por Marzola (1979). Na primeira proposição, o nome derivaria da Chácara do Bexiga, propriedade de Antônio Bexiga ou Antônio Manual, o qual possuía uma estalagem na área. Essa chácara ficava a sudoeste da região convencionalizada no início do século XIX como “cidade nova”.

Outra hipótese levantada aponta que o nome faz referência à “bexiga de boi” vendida pelo antigo dono da chácara, configurando um negócio lucrativo para o período. Por fim, revisita-se também a versão apresentada por Castro (2008), a qual associa o termo ao fato de a região situar-se relativamente afastada dos núcleos urbanos e ter acolhido a população de escravizados acometida pela epidemia de varíola, doença popularmente chamada de bexiga, que assolou a cidade em meados dos anos 1800.

Segundo Soares (1999), o Bixiga surgiu durante o século XVIII, período em que a cidade de São Paulo ainda ocupava uma posição secundária dentro da economia brasileira. O bairro tinha a finalidade de servir como ponto de trânsito para os viajantes em direção à cidade ou ao interior. Nesse cenário, Lucena (1984), baseada em fontes históricas, demonstra que a região já abrigava a população negra:

As capoeiras e campinas que havia em torno do Tanque Reúno, no Bexiga, como em outros pontos da baixada em que corriam o Anhangabaú e o Riacho Saracura, serviram de esconderijo onde se aquilombavam negros rebelados. Esses matos eram convidativos para esconderijos. Em 1831 foi feito um documento com a tentativa de fechar o acesso do Anhangabaú ao Bexiga, cujo objetivo era impedir o trânsito de escravos fugitivos para o Bexiga. (Lucena, 1984, p. 24).

Essas áreas de campinas ao redor do Tanque Reúno, bem como outras regiões da baixada ao longo dos rios Anhangabaú e Saracura, configuravam-se como espaços estratégicos de abrigo e aquilombamento para negros em fuga. Evidencia-se que as localidades próximas às várzeas, como a baixada da Saracura, passaram a ser ocupadas por negros recém-libertos e por imigrantes recém-chegados.

Destaca-se a evidente permanência de uma estrutura racista, responsável por determinar os lugares e as margens da cidade destinados à população negra. Uma parcela dessa população encontra-se aglomerada em habitações sem infraestrutura e em ocupações precárias, vivendo à margem do chamado direito à cidade (Bastos, 2019; Panta, 2019). A partir de 1878, inicia-se o processo de formação do Bixiga e seu loteamento, consolidando a fusão de múltiplas etnias formadoras da realidade paulistana.

O bairro do Bixiga originou-se no Quilombo Saracura, formado junto ao córrego de mesmo nome. A partir da reportagem apresentada a seguir, é possível aferir a presença de uma perspectiva racista responsável por enquadrar o território e suas práticas como exóticas e folclóricas, refletindo um entendimento reducionista comum à época sobre o local e suas dinâmicas socioculturais (Neres, 2023). Apresenta-se, assim, um trecho do jornal “Correio Paulistano” de 3 de outubro de 1907 a respeito do local:

É um pedaço da África. As relíquias da pobre raça impelida pela civilização cosmopolita que invadiu a cidade, ao depois de 88, foi dar ali naquela furna. Uma linha de casebres borda as margens do riacho. O Valle é fundo e estreito. Poças d’água esverdeada marcam os lugares donde saiu a argila transformada em palacetes e residências de luxo. Cabras soltas na estrada, pretinhos seminus fazendo gaiolas, chibarras de longa barba ao pé dos velhos de carapinha embranquecida e lábio grosso de que pende o cachimbo, dão aquele recanto uns ares do Congo. Alli pae Antônio, cujas mandingas celebram os supersticiosos de Pinheiros, de Santo Amarão, da várzea do Tasbôa, pratica os seus mistérios e tange o urucungo, apoiando ao ventre rugoso e despido a cabaça ressonante”. (Jornal Correio Paulistano, 1907).

A reportagem de teor racista revela como a cultura e as sociabilidades negras sofriram distorções e deslegitimação pela imprensa da época. Práticas cotidianas, manifestações culturais e formas de organização comunitária responsáveis por estruturar a vida no território negro eram frequentemente descritas de maneira pejorativa, associadas à desordem, à marginalidade e ao atraso. Essa narrativa reforça estigmas raciais e contribui para justificar intervenções urbanas e processos de apagamento dessas presenças. Nesse contexto, observa-se a permanência de dinâmicas associadas ao racismo estrutural, condicionantes da ocupação do território por populações negras.

Essas populações buscavam estabelecer-se em áreas marginalizadas da cidade, sobretudo nas várzeas dos rios, a exemplo da baixada do Saracura, locais com condições ambientais e urbanas menos valorizadas, formando os territórios negros. Segundo Rolnik (1989), esses espaços materializam um sentido de comunidade relacionado à autopreservação e à solidariedade. Tais vínculos expressam uma busca contínua pela dignidade na cidade, tensionando as lógicas de uma arquitetura historicamente segregadora.

Nos anos finais do regime escravista, intensificou-se a formação de quilombos urbanos nas proximidades das centralidades, configurando-os como espaços de resistência e organização social. Esses territórios ligavam-se diretamente ao movimento de fuga das pessoas escravizadas e à busca por autonomia e liberdade, evidenciando formas alternativas de ocupação e produção do espaço urbano (Rolnik, 1989). O quilombo, nesse sentido, compreende-se como um importante símbolo de territorialidade negra e de resistência sociopolítica.

Para Moura (1987), os quilombos constituíam organizações plurais formadas majoritariamente por ex-escravizados, agregando também indígenas e parcelas empobrecidas da população branca. Nesses espaços quilombolas, buscava-se harmonia nas relações sociais, com participação coletiva na economia local e na agricultura de subsistência. O autor compreende que esse contexto proporcionava uma maior aproximação com a vivência de uma experiência de democracia racial no país. Dessa forma, os quilombos opunham-se à lógica dominante de ocupação territorial, estabelecendo redes comunitárias de autoproteção e territórios étnicos desafiadores da ordem escravocrata e excludente.

Portanto, entende-se o Quilombo Saracura como um marco na paisagem urbana, cultural e temporal do Bixiga, ligado à história da população local negra e pobre. Esse território serviu como refúgio para os recém-libertos, oferecendo espaços propícios para as sociabilidades negras. Desse modo, o bairro apresenta forte ligação com a população negra, a qual resistiu e segue resistindo ao processo de opressão e apagamento sistemático de suas memórias.

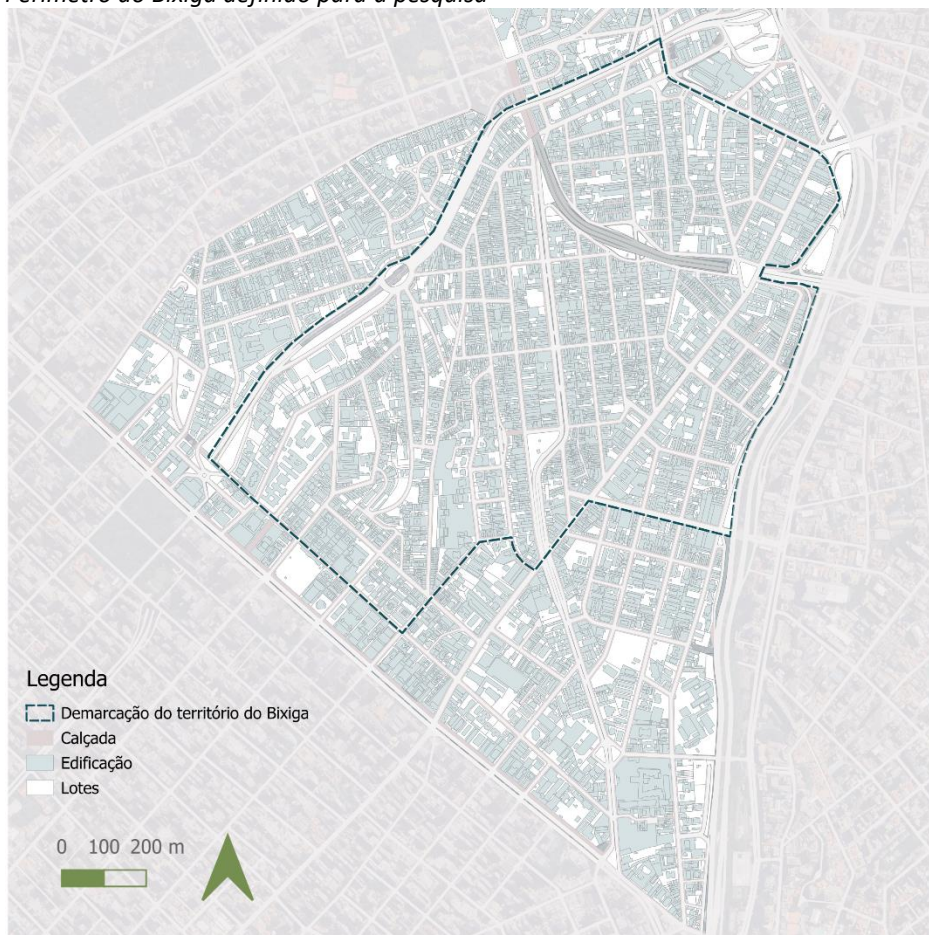
Enquanto sua delimitação física, cabe destacar a complexidade em identificar um único e definitivo perímetro para o Bixiga, já que não há uma divisão administrativa formal. Por atuar fora das delimitações de um bairro ou distrito oficial, sua espacialidade insere-se nos campos da cultura e da espiritualidade. Por meio da análise histórica, da oralidade, das memórias e dos registros fotográficos e documentais, identificam-se diferentes perímetros com critérios próprios, criados para o desenvolvimento de projetos urbanos ao longo do tempo. Adiciona-se a essa complexidade a identificação dos moradores e da comunidade perante a história local, fortemente ligada a espaços importantes na construção das memórias e identidades atreladas ao território.

Para a análise deste estudo, produziu-se uma base cartográfica voltada ao entendimento territorial, elucidando as características sociais, físicas e legislativas, englobando os aspectos materiais e imateriais do Bixiga. Compreende-se que o território abrange uma extensa porção do distrito da Bela Vista e uma parte do distrito da República, de acordo com sua história de formação e desenvolvimento urbano.

Sendo assim, esta pesquisa definiu uma delimitação para o território do Bixiga, conforme ilustrado na Figura 1. É importante destacar que o perímetro foi desenhado com base em análises e estudos territoriais citados anteriormente, configurando-se como uma proposta interpretativa aberta a outras visões e compreensões sobre a região.

**Figura 1.**

*Perímetro do Bixiga definido para a pesquisa*



Fonte: adaptado a partir da base cartográfica MDC/SMUL, 2025.

## Passado e presente do Quilombo Saracura

Em 2021, durante a pandemia de Covid-19, ocorreu o processo de desapropriação da quadra da Escola de Samba Vai-Vai, localizada no bairro do Bixiga, para a construção da Linha 6-Laranja do metrô. No decorrer das escavações, foram identificados vestígios arqueológicos associados ao Quilombo Saracura, resultando no cadastramento do sítio arqueológico junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em abril de 2022. A empresa A Lasca, terceirizada pela concessionária Linha Universidade para realizar o monitoramento arqueológico das obras, recebeu autorização do IPHAN para escavar e recuperar o sítio de forma emergencial, registrando os objetos encontrados como de alta relevância.

Os estudos, conduzidos pela equipe multidisciplinar da empresa, envolvem arqueólogos, arquitetos e historiadores focados na avaliação e preservação dos bens materiais. A partir de reivindicações do movimento negro, a equipe arqueológica passou a contar com a participação da Mãe de Santo Jennifer<sup>1</sup>, membro do coletivo Mobilização Saracura Vai-Vai,

<sup>1</sup> A Mãe de Santo Jennifer lidera e conduz o Instituto Ilê Asé Iyà Osun, terreiro de candomblé de nação Ketu, localizado no bairro do Bixiga. A mãe de santo também participa ativamente como representante religiosa afro-

atuando como liderança e referência das religiões de matrizes africanas. Assim, considera-se também o impacto sobre os conhecimentos e práticas transmitidos por gerações, observando os riscos de desaparecimento e as possibilidades de potencialização.

Brito, Mendonça e Rolnik (2023) apontam que os artefatos descobertos, datados do século XIX, podem possuir associação com cerimônias e práticas religiosas de matrizes africanas, reforçando a presença do Quilombo Saracura na região. Diante dessas evidências, a Superintendência do IPHAN em São Paulo encaminhou o caso para instâncias nacionais, envolvendo os Ministérios da Cultura, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e da Cidadania, além da Fundação Cultural Palmares, órgão responsável pela certificação de comunidades quilombolas.

O movimento reivindica a criação de um memorial e a mudança do nome da futura estação de "14 Bis-Saracura" para "Saracura/Vai-Vai<sup>2</sup>", como forma de preservar a memória negra do bairro, demandas que aguardam atendimento pelo poder público. Observa-se no processo de desapropriação da quadra para a construção do metrô uma constante tentativa de apagamento da memória negra na região. Em contrapartida, nota-se uma forte resistência dos próprios residentes do bairro, articulados aos movimentos negros, ao núcleo da Escola de Samba Vai-Vai e ao coletivo Mobilização Estação Saracura/Vai-Vai.

Destaca-se também o coletivo Mobilização Estação Saracura/Vai-Vai, composto por cerca de 150 grupos atuantes na defesa do patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro no Bixiga. O manifesto desenvolvido pelo coletivo articula essas demandas, enfatizando a importância da futura estação de metrô como um equipamento de mobilidade, e alerta que a construção da infraestrutura urbana deve ocorrer com respeito aos direitos culturais e à memória negra, evitando qualquer forma de apagamento. O projeto, da forma como vem sendo prolongado, reforça o processo de embranquecimento do território e a destruição da cultura e da identidade local.

O coletivo luta pela proposição de alternativas técnicas e políticas capazes de compatibilizar a expansão da infraestrutura urbana com a salvaguarda do patrimônio cultural. Propõe-se a preservação das estruturas *in situ* (no próprio local em que foram descobertas) como forma de materializar o Quilombo Saracura na cidade. Essa iniciativa apresenta o potencial de consolidar uma "estação histórica", capaz de incorporar, musealizar e valorizar as estruturas arqueológicas relacionadas ao quilombo e à presença negra no bairro.

Nesse sentido, defende-se a preservação das estruturas no próprio local, de modo que os objetos encontrados possam constituir um acervo público, acessível e vinculado à memória das religiões de matrizes africanas, fundamentais para a compreensão da trajetória histórica do Bixiga. A atuação do coletivo também se pauta por práticas de educação patrimonial, buscando promover processos formativos capazes de articular a educação entre gerações e a participação popular na gestão do patrimônio arqueológico.

O grupo de pesquisa, do qual as autoras fazem parte desde 2023, foi convidado para participar da comitiva responsável por realizar uma visita de campo ao canteiro da futura estação de metrô e sítio arqueológico Saracura/Vai-Vai no dia 22 de fevereiro de 2025. Na Figura 2, apresentada a seguir, ilustra-se o estágio das intervenções no canteiro de obras. A experiência permitiu o contato direto com o território do Quilombo Saracura, com os achados

---

brasileira, identificando peças religiosas no Sítio Arqueológico Saracura Vai-Vai, junto à empresa A Lasca de Arqueologia.

<sup>2</sup> Neste trabalho, optou-se por usar o nome Estação Saracura/ Vai-Vai, em respeito à proposta da comunidade, ligada à memória negra e à história do samba no bairro do Bixiga. Embora o nome oficial seja Estação 14 Bis – Saracura, essa escolha reafirma a importância do Quilombo Saracura e da Escola de samba Vai-Vai, posicionando-se contra o apagamento cultural e histórico promovido por decisões institucionais.

arqueológicos e com os responsáveis pela preservação da memória negra no Bixiga. Acompanhando a equipe técnica, foi possível conhecer os métodos de escavação e observar vestígios materiais dos séculos XIX e XX, a exemplo de pisos preservados, paredes, sistemas antigos de canalização do rio Saracura e diversos objetos simbólicos (ágatas, conchas, fios de conta, quartinha de Exu e fragmentos de porcelana) ligados a práticas religiosas de matrizes africanas, como o Candomblé e a Umbanda.

**Figura 2.**

*Construção da estação Saracura/ Vai-Vai da Linha-6 Laranja – Bairro Bixiga, São Paulo.*



Fonte: Autoral, 2026

Entre os achados, destaca-se a identificação de pavimentações contendo pisos preservados de cimento queimado vermelho, taco de madeira e ladrilho hidráulico, como se pode observar na Figura 3. Esse local possui possível vínculo com um antigo terreiro associado ao Quilombo Saracura, conforme relatado pela Mãe de Santo Jennifer, integrante da equipe arqueológica.

**Figura 3.**

*Montagem com os pisos encontrados no Sítio arqueológico Saracura/Vai-Vai – Bairro Bixiga, São Paulo.*



Fonte: Autoral, 2025

As Figuras 4 e 5 apresentam estruturas de paredes identificadas indicativas de construções permanentes no local, além de sistemas de encanamento antigos relacionados à canalização do rio Saracura, curso d'água hoje aterrado com papel importante na organização do território. São cinco pontos de escavação com profundidades variando de 4,0 a 6,0 metros. Esses achados reforçam a presença histórica e espiritual da população negra na região, associando o local a antigos terreiros e fortalecendo a narrativa do Quilombo Saracura como território de resistência e ancestralidade. Assim, coletivos organizam-se para lutar pelos direitos à cidade e pela memória da população negra no Bixiga.

**Figura 4.**

*Estruturas de paredes identificadas – Bairro Bixiga, São Paulo.*



Fonte: Autoral, 2025

**Figura 5.**

*Sistemas de encanamento antigos, relacionados à canalização do rio Saracura. – Bairro Bixiga, São Paulo.*



Fonte: Autoral, 2025

O processo de escavação e os achados arqueológicos reforçam a materialidade dessa presença histórica, e os vestígios identificados confirmam a existência do quilombo, evidenciando

simultaneamente sua complexidade de organização. A hipótese da existência de um terreiro, sustentada por evidências materiais e por saberes tradicionais das lideranças religiosas, amplia a compreensão do território como espaço de produção espiritual e desafia leituras redutoras do patrimônio à sua dimensão física.

Destacam-se também alguns achados arqueológicos apresentados ao grupo durante a visita, como se pode observar nas Figuras 6 e 7. Entre eles, encontram-se fragmentos de porcelana, ágatas, conchas, fios de conta e uma quartinha de Exu. Conforme ressaltado pela Mãe Jennifer, a compreensão desses objetos exige a consideração do contexto cultural e simbólico ao qual pertencem. Nesse sentido, seu significado deve estar intrinsecamente associado aos conhecimentos e às práticas das religiões de matrizes africanas, responsáveis por atribuir sentidos específicos a esses elementos no âmbito ritualístico e espiritual. Sem esse conhecimento, corre-se o risco de reduzir tais vestígios a meros artefatos materiais, desconsiderando sua dimensão sagrada e sua importância para a reconstrução das memórias e territorialidades negras.

**Figura 6.**

*Achados arqueológicos – Bairro Bixiga, São Paulo*



Fonte: Autoral, 2025

**Figura 7.**

*Artigo religioso – Bairro Bixiga, São Paulo*



Fonte: Autoral, 2025

Dessa forma, cabe destacar a relevância da presença da liderança religiosa no processo de escavação, uma vez que o conhecimento ancestral e espiritual constitui parte legítima da produção de conhecimento sobre a cidade. Ao trazer para o debate a centralidade da ancestralidade e da sacralidade do espaço a partir da Mãe Jennifer, torna-se possível ampliar o entendimento sobre o que está em discussão na construção da estação de metrô Saracura/Vai-Vai. O projeto engloba questões técnicas e urbanísticas indissociáveis das disputas em torno das memórias, da história e do direito à cidade e à paisagem sob a ótica das populações negras e tradicionais.

Durante a visita de campo, a Mãe Jennifer também expressou o posicionamento do Movimento Mobiliza Saracura Vai-Vai, do qual faz parte: “A gente quer metrô, só que quer essa memória preservada”. Com base nessa afirmação, compreende-se a demanda por um desenvolvimento urbano capaz de respeitar e manter as camadas históricas e simbólicas do território. Além disso, ela pontuou a noção do espaço que integra passado, presente e futuro, ligado à defesa e à importância da luta pela territorialidade negra no Bixiga. “A gente só tá lutando por esse território, território negro”, afirmou Mãe Jennifer durante a visita de campo. Em diálogo com uma arqueóloga negra envolvida nas escavações, surgiu uma reflexão sobre os desafios enfrentados por profissionais atuantes na preservação da memória afro-brasileira em contextos urbanos marcados por apagamentos históricos e disputas territoriais. A arqueóloga, mantida no anonimato, compartilhou as dificuldades em ter de justificar a evidente importância da preservação dos artefatos encontrados. Essa necessidade torna-se ainda mais significativa por se tratar de objetos e vestígios vinculados ao Quilombo Saracura, um território de resistência negra situado na área atualmente ocupada pelas obras da futura estação de metrô.

Como mulher negra na arqueologia, campo amplamente dominado por epistemologias eurocentradas, ela ressaltou o constante questionamento de seu discurso e da memória negra, mesmo quando amparados por critérios científicos. Observa-se, portanto, a necessidade de centralizar as experiências negras nas narrativas sobre o desenvolvimento da cidade. Sua fala destaca a importância de preservar os vestígios materiais e imateriais do Quilombo Saracura, fundamentais para a memória coletiva e a resistência afro-brasileira.

A visita de campo de 2025 evidencia as contradições entre a preservação patrimonial e a continuidade das obras. Manter as escavações sem garantias plenas de salvaguarda revela a subordinação do patrimônio aos interesses mercadológicos de produção do espaço. O planejamento urbano de São Paulo e de outras cidades brasileiras é estruturalmente racista, responsável por excluir e invisibilizar populações marginalizadas, suas histórias e cosmovisões. Essa sociedade produtora de apagamentos deixa marcas profundas, materiais e imateriais, em seus territórios. Nesse contexto adverso, a população negra constituiu seus próprios espaços na cidade, consolidando os territórios negros. Tais locais representam a memória coletiva e evidenciam as identidades afro-brasileiras, intrinsecamente vinculadas ao pertencimento e à vivência.

Na disputa pela narrativa histórica do Bixiga, a oralidade e a luta comunitária mostram-se fundamentais. O protagonismo do movimento negro na defesa do sítio Saracura/Vai-Vai demonstra a indissociabilidade entre a salvaguarda do patrimônio e a justiça social. Ao reivindicar o território, esses coletivos evidenciam memórias historicamente ameaçadas de silenciamento. A experiência em campo também expôs a narrativa hegemônica condicionante do “progresso” e dos “melhoramentos urbanos” à ocultação de patrimônios vinculados a grupos historicamente oprimidos. O caso da Estação Saracura/Vai-Vai explicita o conflito direto entre obras de infraestrutura e a preservação afro-brasileira. O atraso significativo na construção dessa estação reflete os embates entre construtores, concessionária, movimentos

sociais e o IPHAN, além de embates no campo espiritual, segundo lideranças religiosas, revelando a luta latente pela valorização integral da história urbana da cidade de São Paulo.

### Considerações finais

Apesar das constantes tentativas de apagamento histórico-cultural da população negra na paisagem urbana, exemplificadas no processo de desapropriação do terreno da Escola de Samba Vai-Vai para a construção da estação da Linha 6 e na subsequente escavação e descoberta dos vestígios do Quilombo Saracura, revela-se a resistência contínua da comunidade afro-brasileira em preservar seu legado e transmitir sua história e cultura. A redescoberta dos vestígios arqueológicos reafirma a presença histórica negra no Bixiga, demonstrando simultaneamente a urgência de sua preservação como patrimônio material e imaterial. Nesse sentido, a salvaguarda do sítio arqueológico transcende a proteção de estruturas físicas, implicando o reconhecimento e a valorização de um território historicamente constituído como espaço de sociabilidade e espiritualidade da população negra, sobretudo nas margens do rio Saracura.

A importância da preservação do Quilombo Saracura reside, portanto, em sua capacidade de materializar memórias historicamente silenciadas, inscrevendo-as de forma visível na paisagem urbana contemporânea. Nesse contexto, a paisagem atua ativamente como um campo de disputas simbólicas e políticas, no qual diferentes narrativas sobre a cidade são produzidas e legitimadas. Ao evidenciar as camadas ocultadas da história urbana, o reconhecimento do Quilombo Saracura contribui para a construção de uma memória coletiva mais plural, capaz de confrontar os persistentes processos de embranquecimento e exclusão responsáveis por orientar a produção do espaço em São Paulo.

A visita de campo ao sítio arqueológico mostrou-se fundamental para a compreensão metodológica e prática dessas dinâmicas, ao possibilitar o contato direto com o território, com seus vestígios materiais e com os sujeitos envolvidos em sua preservação. Essa etapa configurou-se como um processo de aprendizado situado, responsável por entrelaçar conhecimentos acadêmicos e conhecimentos tradicionais. A presença de lideranças religiosas e comunitárias, a exemplo da Mãe de Santo Jennifer, evidencia a importância de incorporar epistemologias contra-hegemônicas na leitura do patrimônio. Essa abordagem amplia a interpretação técnica convencional e consolida o reconhecimento das dimensões simbólicas, espirituais e ancestrais do território.

Por fim, o caso da Estação Saracura/Vai-Vai explicita o conflito direto entre a noção hegemônica de “progresso” e a preservação histórica. A continuidade das obras diante da relevância dos achados revela a subordinação do patrimônio às lógicas de produção do espaço urbano orientadas pelo capital. Tal dinâmica reforça uma perspectiva de desenvolvimento estruturada historicamente à custa do apagamento de grupos historicamente marginalizados. Nesse cenário, a luta pela preservação do Quilombo Saracura emerge como um ato político capaz de questionar os modelos de intervenção urbana vigentes e de reivindicar o direito à memória, à cidade, à paisagem e à permanência das territorialidades negras. Consequentemente, a salvaguarda desse passado atua ativamente na disputa do presente, reconfigurando as bases sobre as quais o futuro urbano será construído.

## Referências

- BASTOS, Sênia (Org.). (2021). *Migração e turismo na cidade de São Paulo: Liberdade e Bixiga em perspectiva*. Rio de Janeiro, RJ: Provisório Produções, Modi Produções.
- BRITO, G. A., MENDONÇA, P. H. R., ROLNIK, R. (2023). Territórios de exclusividade branca: segregação, negação e enfrentamento do racismo no Planejamento Urbano da cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Direito Urbanístico*, (Vol. 9, n. 17, pp. 35 - 59), Disponível em: <https://biblioteca.ibdu.org.br/direitourbanistico/article/view/890>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- CASTRO, Márcio Sampaio de (2008). *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo, SP: Annablume.
- LUCENA, Célia Toledo (1984). *Bairro do Bexiga: a sobrevivência cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- MARZOLA, Nadia (1979). *Bela Vista: História dos bairros de São Paulo* (Vol. 15). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão do Arquivo Histórico.
- MOURA, Clóvis (1987). *Quilombos: resistência ao escravismo*. Brasil: Editora Atica.
- NASCIMENTO, Abdias (2002). *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (2nd ed.) Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor.
- NERES, Felipe dos Santos (2023). *Processos de despossessão no território negro do samba: O Vai-Vai do Bixiga*. São Paulo.
- PANTA, Mariana (2019). *População negra e o direito à cidade: interfaces sobre raça e espaço urbano no Brasil*. (vol. 33, n. 1, pp. 79–100) Brasil: Acervo <https://doi.org/10.64729/an.acervo.v33i1.1521>
- ROLNIK, Raquel (1989). *Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro* (Vol. 17.). Brasil: Revista de Estudos Afro-Asiáticos.
- SANTOS, Milton; BECKER, Bertha Koiffmann (Orgs.) (2008). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. (3a ed.). Rio de Janeiro: Lamparina.
- SOARES, Reinaldo da Silva (1999). *O cotidiano de uma escola de samba paulistana: O caso do Vai-Vai*. Brasil.
- SOMMER, Michelle Farias (2005). *Territorialidade negra urbana: A morfologia sócio-espacial dos núcleos negros urbanos segundo a herança histórica comum*. Porto Alegre.